

---

# Medievalismo en Extremadura

Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media

---

Jesús Cañas Murillo  
Fco. Javier Grande Quejigo  
José Roso Díaz (Eds.)

Medievalismo en Extremadura  
Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media



Cáceres  
2009

MEDIEVALISMO en Extremadura : Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media / Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009

XXII, 1310 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-879-9

1. Literatura medieval-historia y crítica. I. Cañas Murillo, Jesús (Ed.). II. Grande Quejigo, Javier (Ed.). III. Roso Díaz, José (Ed.). IV. Título. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82.09"04/15"

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, [www.cedro.org](http://www.cedro.org)) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2009

© De los autores, 2009

© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.<sup>a</sup> edición, 2009

Ilustraciones de cubierta: miniaturas de cancioneros del siglo XIII (Biblioteca Vaticana y Biblioteca Nacional de Francia) recogidas en el libro de Martín de Riquer, *Vidas y retratos de trovadores. Textos y miniaturas del siglo XIII*. Barcelona, Círculo de Lectores-Galaxia Gutenberg, 1995.

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. (927) 257 041; Fax (927) 257 046

E-mail: [publicac@unex.es](mailto:publicac@unex.es)

<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-879-9

Depósito Legal: M-52.674-2009

Impreso en España - *Printed in Spain*

*Impresión:* Dosgraphic, s. l.

# EXEMPLUM NA CRONÍSTICA PORTUGUESA: REINADO DE D. DINIS

Rita Gomes  
*Universidade de Porto*

O breve estudo que apresento dá conta do carácter exemplar da figura de D. Dinis, presente nos relatos do seu reinado, na *Crónica Geral de Espanha de 1344*<sup>1</sup> (refundição ca. 1400) e na *Crónica de Portugal de 1419*<sup>2</sup>. Este carácter foi reconhecido através do apuramento de diferentes estratégias narrativas subjacentes aos contextos onde a actuação do rei se evidencia por comparação com outros monarcas portugueses anteriores ou mesmo com monarcas de outros reinos da península Ibérica.

O termo latino *exemplum* remete para uma pequena narrativa de índole moralista cujo objectivo é apresentar-se como um paradigma do tema tratado. *De facto*, nos sermões medievais, o termo pode atribuir-se às histórias neles integradas com a intenção de evidenciar um momento alto do discurso. Embora estejamos a tratar de relatos historiográficos, poder-se-á afirmar que também o reinado de D. Dinis é um dos pontos altos em matéria de reinados portugueses nos dois testemunhos referidos. O *exemplum* refere-se então às comparações explícitas e implícitas que as crónicas estabelecem entre os reinados de D. Afonso Henriques e de D. Dinis, de forma a criarem um elo de ligação que vai para além dos acontecimentos característicos de cada um dos reinados, acabando por se centrar na figura do monarca. Calcula-se que a tradição ligada à figura de D. Afonso Henriques, no momento da redacção das crónicas em análise, está já largamente difundida. Encontra-se em crónicas castelhanas alfonsinas anteriores e na *IVª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra*, estando associada à fundação de um reinado e revestindo-se de um carácter lendário.

Tal como, por exemplo, a presença da sátira num discurso, literário ou não, só ganha sentido se o receptor do discurso reconhecer a referência satirizada, o *exemplum* pode ser demonstrador de uma marca da recepção e da sua importância na redacção do texto historiográfico. Só no (re)conhecimento da «Gesta de D. Afonso Henriques»<sup>3</sup>, bem como e mais obviamente dos primeiros capítulos de ambas as crónicas, dedicados ao primeiro rei português, se encontram elos de valorização do reinado e da personagem de D. Dinis. Na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, no reinado de D. Dinis, o contexto onde surge a primeira referência a D. Afonso Henriques é na apresentação inicial do rei, logo após os elogios «E este foy o melhor rey e mais justicozo nen mais

---

<sup>1</sup> Cintra, 1951.

<sup>2</sup> Calado, 1998.

<sup>3</sup> Saraiva, 1979.

honrrado que ouve em Portugal des o tempo del rey dõ Affonso, o primeiro, ataa o seu tempo (...)»<sup>4</sup> Para além da primeira ocorrência surgir num contexto destacado, o início de um reinado, acompanha características elogiosas ao rei e estabelece imediatamente uma ligação temporal, não só do presente com o passado mais simbólico do reino português, mas também com o processo de maturação desse reino, onde os monarcas que o lideraram, à excepção de D. Dinis, no entender do autor da crónica, não tiveram «fôlego» suficiente para igualar a figura modelar do primeiro rei. Verifica-se ainda na apresentação inicial do rei, um caso de comparação não com um modelo, mas com todos os reis que antes governaram Portugal, não para demonstrar que D. Dinis os igualou, seguindo os seus exemplos, mas que os superou num estatuto de poder enquanto senhor: «E este ouve muytos mais vassallos que os outros reys que ante elle foram»<sup>5</sup>. A segunda referência à figura de D. Afonso Henriques aparece situada na conclusão do relato das desavenças com Castela que desembocaram no Tratado de Alcañices, afirmando o cronista que D. Dinis assim reaveu os territórios «que Castella tiinha tomados des o tempo del rey dom Affonso, o primeiro de Portugal, e de dom Sancho, seu filho»<sup>6</sup>. Esta ocorrência emerge, uma vez mais, num contexto elogioso para D. Dinis, pois refere-se a importantes vitórias estratégicas de futuro, como é o caso da combinação do casamento da filha e da definição de fronteiras. No caso desta comparação, a actuação do monarca português sai reforçada, pois alcança não só aquilo que o herói modelar não alcançou, mas que o filho e continuador deste também não alcançara. A terceira referência surge após o relato do papel protagonizado por D. Dinis, como árbitro da contenda entre Castela e Aragão e no discurso da maior expressão de dádiva por parte do rei. Depois de se afirmar que D. Dinis tudo deu a D. Jaime de Aragão, aos ricos-homens, às rainhas, aos infantes de Castela e até àqueles que não puderam estar presentes, esta descrição é concluída com a afirmação «(...) assy como aquelle rey que era muy noble e muy grandioso e descendia do noble sangue del rey dom Affonso Anriquez»<sup>7</sup>. Uma vez mais, a comparação está inserida num lugar de destaque, pois não pode passar despercebida a maior descrição de grandeza e generosidade de D. Dinis; a comparação continua a acompanhar referências favoráveis ao rei, não sendo esta ligação apenas temporal, na sequência de reinados que trouxeram um líder comparável ao primeiro, mas também biológica: o sangue é legitimador da continuidade e quiçá da superação. Esta necessidade de legitimação do reinado de D. Dinis é compreensível, sabendo-se que o autor da crónica é o Conde D. Pedro de Barcelos, seu filho bastardo, e conhecendo-se o papel que teve nos próprios acontecimentos que descreve, como interventor e observador; dando um relevo de primeiro plano à guerra civil entre D. Dinis e o filho, Infante D. Afonso, que constantemente põe em causa a legitimidade das decisões do pai, o Conde D. Pedro, mais vezes pertencente à facção do pai do que à do irmão, encontra na sua crónica, não só, mas também através do *exemplum*, uma estratégia legitimatória, que proporciona o equilíbrio necessário à defesa do seu pai, na continuidade que este representa de um arquétipo já consagrado.

---

<sup>4</sup> Cintra, 1951: 243.

<sup>5</sup> Cintra, 1951: 243.

<sup>6</sup> Cintra, 1951: 246.

<sup>7</sup> Cintra, 1951: 251.

Até este ponto verificou-se que o *exemplum* pode basear-se na comparação entre duas personagens, sendo que uma é legitimada pela figura modelar de outra, no entanto, ainda no mesmo testemunho, e noutra momento, a sua presença corresponde a uma situação de ausência de termo de comparação. É o que acontece no contexto da escolha de um árbitro para o desacordo entre Castela e Aragão, como um momento narrativo em que o autor posiciona os monarcas destes reinos num plano inferior, sendo eles a admitirem que «(...) en toda Espanha nõ era homẽ a que esto tanto pertẽcesse como a el rey dom Denis de Portugal»<sup>8</sup>, repetindo-se a mesma ideia poucas linhas abaixo de que «(...) non avya ẽ Espanha outro tal como elle (...)»<sup>9</sup> Estas afirmações só vêm reforçar, não apenas a autoridade de D. Dinis, também a nível ibérico, mas ainda demonstrar que o rei só tem paralelo no próprio reino e no início da sua fundação. Poderá então nesta crónica o *exemplum* representar um intuito de legitimar uma personagem, ganhando assim uma função argumentativa, comentada por Morais (1997) nestes termos: «torna-se possível articular de forma excelente um texto anterior com o novo discurso, insuflando neste a autoridade que emana do seu modelo passado»<sup>10</sup>. Todavia, de outras funções pode o *exemplum* revestir-se neste testemunho, no que diz respeito ao impacto a provocar na recepção. A possibilidade de controlar o presente revela também uma intenção pedagógica de orientar a recepção dos textos no sentido da ideologia que o autor pretende veicular; segundo Pereira (1997), «A factividade do relato exemplar, a sua confinidade com a matéria narrativa da história antiga ou recente deve apontar ao leitor/ouvinte uma esperança futurante de redenção»<sup>11</sup>.

O lugar que o *exemplum* ocupa na *Crónica Geral de Espanha de 1344* é apenas coincidente no elogio inicial ao rei, quando observado na *Crónica de Portugal de 1419*; das seis menções de *exempla* observadas no primeiro testemunho, verifica-se um decréscimo para metade no segundo e uma alteração no contexto da sua ocorrência. No início do reinado de D. Dinis, afirma o autor que o monarca «(...) foy millhor rei que em Portugal ouve ate seu tempo»<sup>12</sup>, tratando-se esta observação, não de uma referência directa a D. Afonso Henriques, mas a todos os reis que antes de D. Dinis governaram. Não há, pois, um termo de comparação exemplar, mas toda uma linha-gem fundacional que parece ter vindo a aperfeiçoar-se até desembocar num modelo que supera os anteriores. Tal como na crónica anterior, estas afirmações surgem num lugar de relevo, como o da apresentação inicial, sempre acompanhada de referências elogiosas e complementada com outras comparações relativas aos reinados imediatamente anteriores, de que D. Dinis sai a ganhar: «E loguo como reinou começou a usar de justiça por que coregese muitas cousas que ainda fiquarom em seu mao uso do tempo de seu avoo e de seu padre»<sup>13</sup>. Ainda no capítulo de apresentação do reinado, e tal como se verificou na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, é estabelecida a mesma comparação com todos os reinados que o precederam em Portugal, conferindo-lhe um estatuto de maior autoridade, uma vez que «(...) ouve mais vassallos que os outros reis

---

<sup>8</sup> Cintra, 1951: 247.

<sup>9</sup> Cintra, 1951: 247.

<sup>10</sup> Morais, 1997: 227-237.

<sup>11</sup> Pereira, 1997: 239-248.

<sup>12</sup> Calado, 1998: 162.

<sup>13</sup> Calado, 1998: 162.

d.amte ele, e milhores e mais honrados»<sup>14</sup>. Corroborando e até acrescentando maior peso a este estatuto, aparece, no momento inicial do capítulo que se dedica à criação do Estudo Geral, a declaração de que «Ele foy o mais riquo senhor que nênhum dos outros açerqua de sy, e de mayor fama, e de tão leda converção mostrar aos seus, que todos ho amavom de toda vontade»<sup>15</sup>, apenas com a diferença de recorrer a um termo de comparação situado no mesmo tempo do seu reinado e não no passado. A outra referência presente neste testemunho surge no contexto do discurso de queixa do filho, o Infante D. Afonso, que D. Dinis dirige ao seu conselho, perante evidências do filho tudo fazer para denegrir a imagem do bastardo Afonso Sanches, quando alega que se prestou a «(...) lhe dar casa com grande terra e contya com muitos e bons vasalos o que nunca foy costume em Portugal de fazer a nêhum iffante erdeiro, (...)»<sup>16</sup>, acrescentando que «(...) nom foy rey amte mim que fizese esto senão eu, (...)»<sup>17</sup>. Ou seja, aqui a personagem é apresentada como iniciadora de uma dada tradição em comparação com os reis anteriores.

A grande divergência no recurso à exemplaridade em ambas as crónicas consiste no facto da segunda nunca recorrer à figura do primeiro rei português. Apesar de utilizar esta estratégia narrativa em alguns lugares textuais coincidentes com a crónica do Conde D. Pedro, omite a referência modelar de Afonso Henriques, substituindo-a por uma comparação generalizada com todos os reis que anteriormente reinaram, o que, se por um lado, pode proporcionar uma maior superioridade a D. Dinis, por ser comparado com todos os outros, por outro, não remete para a narrativa do reinado do arquétipo fundacional.

Ainda assim, aliando o *exemplum* enquanto estratégia legitimatória de um discurso à exemplaridade das personagens em torno das quais ele é construído nestes testemunhos, obtém-se um quadro argumentativo e pedagógico do texto historiográfico, nada aqui parece ter sido deixado ao acaso: os momentos-chave, o contexto narrativo onde se inserem e o diálogo estabelecido com os modelos do passado.

## BIBLIOGRAFIA

- Calado, A. de A. (ed.): *Crónica de Portugal de 1419*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1998.
- Cintra, L. (ed.): *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1951, Vol. IV.
- Lausberg, H.: *Elementos de retórica literária*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- Morais, A. P.: «Alguns aspectos da retórica do exemplo: lógica do modelo e hipóteses da ficção do *exemplum* medieval», in C. A. Ribeiro y M. Madureira (coords.), *O género do texto medieval*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 227-237.
- Pereira, P. A. C.: «*Mudações da Fortuna*: o *exemplum* medieval e a retórica da História», in C. A. Ribeiro y M. Madureira (coords.), *O género do texto medieval*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 239-248.
- Saraiva, A. J.: *A épica medieval portuguesa*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Amadora Bertrand, 1979.

<sup>14</sup> Calado, 1998: 163.

<sup>15</sup> Calado, 1998: 182.

<sup>16</sup> Calado, 1998: 201.

<sup>17</sup> Calado, 1998: 201.